

Escala Clance de Fenômeno do Impostor Infantil: evidências preliminares de adequação psicométrica

Ana Karla Silva Soares¹, Renata Terezza dos Passos Costa¹, Eduardo França do Nascimento¹, Rafaela Teodoro Alves e José Angel Vera Noriega²

1. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Brasil; 2. Centro de Investigación em Alimentación y Desarrollo – México

INTRODUÇÃO

O fenômeno do impostor (FI) surgiu diante de uma série de observações clínicas realizadas com 150 mulheres que sofriam de persistentes sentimentos de fraude intelectual, subestimando suas próprias habilidades, sendo incapazes de aceitar o próprio sucesso, atribuindo as altas performances alcançadas em suas vidas acadêmicas e profissionais a fatores externos ou a sorte (Clance & Imes, 1978).

Por estar intimamente atrelado a performance acadêmica e profissional, é comum encontrar estudos que avaliem o fenômeno do impostor em jovens e adultos (Bravata, Soares et al., 2021), mas são escassas as análises sobre esse construto em crianças. Yaffe (2022) identificou em sua revisão que a idade média dos participantes é de 30 anos, variando de 13 a 70 anos (cerca de 75% deles com mais de 18 anos), com a maioria dos estudos empregando relatos retrospectivos de adultos sobre sua infância em relação aos seus sentimentos de impostores nesta faixa etária.

Chayer e Bouffard (2010), apresentaram resultados que identificaram que, embora prevaleça a baixa intensidade, características do fenômeno do impostor estão de fato presentes em infantes, sugerindo que o problema inicia-se mais cedo na vida, ressaltando que vale a pena estudá-lo nessa faixa etária, aumentando a compreensão dos processos envolvidos no desenvolvimento desse fenômeno.

Nesta direção, pode-se observar crianças que não internalizam suas conquistas, e vivem a constante tensão de serem descoberto como sendo uma fraude, com estas percepções as levando a duvidar do seu potencial, apesar das fortes evidências contrárias. Assim, embora não possa ser definida como síndrome, uma vez que não faz parte dos manuais diagnósticos de psiquiatria, identifica-se um potencial elevado do impostorismo impactar na saúde psicológica dos indivíduos.

Considerando todo desconforto psicológico causado por esse fenômeno, sabendo-se que este é um construto dimensional e quantitativo (Clance, 1985), foram criadas diferentes instrumentos que auxiliam na sua identificação e mensuração, dentre as mais conhecidas estão a Clance Impostor Phenomenon Scale – CIPS (Clance, 1985). Não obstante, são escassas as pesquisas destinadas a aplicar a medida em população de infantes e, especificamente, com o propósito de adaptar o instrumento para este público (crianças com idade inferior a 15 anos) (Mak et al., 2019).

OBJETIVOS

O presente estudo tem por objetivo geral adaptar a Escala Clance de Fenômeno do Impostor para amostra infantil. Especificamente, busca-se reunir evidências preliminares de validade fatorial e consistência interna da medida.

MÉTODO

Participantes

Participaram do presente estudo 237 estudantes do ensino fundamental, com idade média de 10 anos (DP = 1,41; variando de 8 a 12 anos), a maioria do sexo feminino (53,6%) e que cursavam o 5º (33%) ano do ensino fundamental.

Instrumentos

Escala Clance de fenômeno impostor infantil (ECFI-I). É constituída por 20 itens (e.g., É difícil aceitar elogios sobre minha inteligência ou realizações), respondidos em uma escala de cinco pontos variando de 1 (não é de todo verdade) a 5 (muito verdadeiro). E a perguntas de caracterização demográfica: Por exemplo, sexo, idade e escolaridade.

Procedimento

A pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer: 5.616.522 – CEP-UFMS), foi realizada de forma presencial, com os dados coletados individualmente e, em média, com duração de 40 minutos.

Análise de dados

Empregou-se o Factor (versão 12.03.01) na análise fatorial exploratória [Robust Diagonally Weighted Least Squares (RDWLS); Método Hull de retenção fatorial; Lorenzo-Seva; Cronbach (α) e o ômega de McDonald (ω)].

RESULTADOS

Inicialmente procedeu-se uma adaptação do conteúdo dos itens para a faixa etária em análise e solicitou-se que dois diferentes avaliadores analisassem cada item considerando: (a) clareza, (b) relevância do item ao construto e (c) clareza na redação do item. Os resultados suportaram a manutenção de todos os itens (Kappa > 0,80; 20 itens). Em seguida, estes itens foram apresentados a cinco crianças (idade variando de 8 anos a 13 anos – sexo feminino), que sugeriram ajustes mínimos na semântica dos itens.

Posteriormente, procedeu-se uma análise fatorial exploratória [matriz de correlação policórica; Kaiser-Meyer Olkin = 0,79; Teste de Esfericidade de Bartlett = $\chi^2(190) = 2081,7$; $p < 0,001$; CFI = 0,96; AGFI = 0,98; RMSEA = 0,067, IC95% 0,059 – 0,064] empregando como critério de retenção fatorial o Hull (CFI = 0,96; Lorenzo-Seva et al., 2011). Os resultados corroboraram a estrutura original composta por um fator, sendo composto por 17 itens [cargas fatoriais variando de 0,38 (item 1) a 0,79 (item 4)]. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Itens	Conteúdo dos itens resumidos	Carga
1. Sucesso em uma tarefa realizada		0,38
2. Apresentação de inteligência superior à realidade		0,42
3. Evita participação em atividades avaliadas por medo do julgamento alheio		0,74
4. Dificuldade em repetir sucessos após elogios		0,79
5. Atribuição do sucesso à sorte		0,58
6. Receio de ser percebido como não inteligente por pessoas próximas		0,72
7. Tendência a lembrar mais dos erros do que dos acertos		0,69
8. Priorização da felicidade na realização de tarefas		0,01*
9. Sensação de não merecimento do sucesso		0,57
10. Dificuldade em aceitar elogios sobre inteligência ou realizações		0,46
11. Atribuição do sucesso à sorte		0,57
12. Autocrítica sobre a qualidade da execução das atividades		0,58
13. Medo da exposição de habilidades na realização de tarefas		0,57
14. Medo do erro mesmo realizando as tarefas corretamente na maioria das vezes		0,45
15. Insegurança em repetir sucesso futuro na execução de atividades bem sucedidas		0,71
16. Minimização da importância do feito diante de muitos elogios		0,63
17. Comparação da própria capacidade com a dos outros, gerando insegurança		0,71
18. Falta de confiança nas próprias habilidades, apesar dos elogios recebidos		0,59
19. Ocultação da expectativa de prêmios até sua efetivação		0,14*
20. Busca constante pela excelência em todas as atividades		0,11*
Número de itens		17
Eigenvalue		6,74
Variância explicada		34%
Ômega de McDonald		0,86
Alfa de Cronbach (α)		0,87

Nota: * Itens excluídos

Tabela 1 - Estrutura Fatorial da Escala Clance do Fenômeno Impostor – Versão infantil

DISCUSSÃO

A análise da estrutura fatorial dos itens revelou uma solução unifatorial, sugerindo que todos os itens estão medindo um único construto subjacente. Os resultados demonstraram que 17 dos 20 itens apresentaram uma saturação mínima adequada, com cargas fatoriais variando de 0,38 a 0,79. Além disso, os indicadores de consistência interna da medida foram satisfatórios, com valores de alfa de Cronbach e Ômega de McDonald superiores a 0,70, o que sugere uma boa confiabilidade dos itens em medir de maneira consistente o construto estudado.

CONCLUSÃO

Os achados destacam a importância e a viabilidade da adaptação da ECFI para crianças, evidenciando dados preliminares de sua validade semântica e estrutura fatorial unifatorial consistente. No entanto, para uma compreensão mais abrangente do fenômeno impostor nesse grupo populacional, são necessários estudos futuros que explorem aspectos como a estabilidade temporal da medida, sua validade convergente e discriminante em relação a outros construtos psicológicos relevantes, bem como sua aplicabilidade em grupos mais amplos da população brasileira.

REFERÊNCIAS

- Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The impostor phenomenon in high-achieving women: Dynamics and therapeutic interventions. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 15, 244-247.
- Bravata, D. M., Watts, S. A., Keefer, A. L., Madhusudhan, D. K., Taylor, K. T., Clark, D. M., Nelson, R. S., Cokley, K. O., & Hagg, H. K. (2020). Prevalence, predictors, and treatment of impostor syndrome: A systematic review. *Journal of General Internal Medicine*, 35(4), 1252-1275.
- Chae, J., Piedmont, R. L., Estadt, B. K., & Wicks, R. J. (1995). Personological Evaluation of Clance's Impostor Phenomenon Scale in a Korean Sample. *Journal of Personality Assessment*, 65(3), 468-485.